

**OATES, Joyce Carol. *A Fé de um Escritor: Vida, Técnica, Arte*. Trad. Maria João Lourenço (Lisboa, Casa das Letras, 2008. 174 pp.).**

É sempre grato quando uma autora com o talento e a versatilidade de Joyce Carol Oates partilha as suas reflexões e conselhos com aprendizes da escrita e amantes da literatura. *A Fé de um Escritor* consiste numa série de catorze ensaios, vindos a lume ao longo de quase três dezenas de anos, acerca daquilo a que Oates chama “a mais solitária das artes” (p. 11), ou seja, a escrita literária.

Nestes textos, a autora explora questões essenciais para quem deseja entrar no mundo da poesia e ficção, ou apenas compreender melhor os complexos meandros da criatividade. Como argumenta Oates: “(...) raramente a inspiração e a energia e até mesmo o génio são suficientes para se fazer *arte*: porque a prosa da ficção é também uma *técnica*, e uma *técnica* tem de ser aprendida, seja por acidente ou por desígnio” (p. 100).

Esta valorização da técnica — companheira do talento e da perseverança —, assume particular relevo numa altura em que as estantes das livrarias começam a receber os primeiros manuais de Escrita Criativa redigidos por portugueses. Contudo, algumas dessas obras não passam de cadernos de exercícios, com o objectivo de aproveitar comercialmente a *moda* da EC. Neste contexto, livros que se debruçam sobre a *técnica* literária — como o de Oates —, são preciosos, pois ajudam a complementar um ensino que, em Portugal, ainda gatinha e apresenta fraca substância teórica.

Algumas das reflexões da autora prendem-se com o papel ético, social e artístico do escritor, ou seja, a sua missão: porque escrevemos e qual a importância da ficção literária nas nossas vidas? Outros capítulos, mais práticos, clarificam a natureza do ofício da escrita, e transmitem algumas técnicas: como dinamizar um enredo; como construir uma personagem realista; a importância da experimentação; o valor da autocrítica; o motivo da metáfora, etc.

Este livro de Oates pode ser, pois, lido como um manual básico

de técnicas de escrita criativa, embora deixe insatisfeitos os aprendizes com alguma experiência, e que procurem estratégias mais avançadas relativamente à estruturação do enredo por géneros, ao ponto de vista do narrador, à criação de atmosferas ou ao polimento final do texto. Para esses, não hesito em recomendar *Solutions for Writers*, de Sol Stein, ou o prático *The Writer's Workbook*, de Jenny Newman, Edmund Cusick e Aileen La Tourette.

Não se devem confundir as técnicas, conselhos e dicas difundidas por Oates com *receitas*. Pelo contrário, Oates incentiva o jovem escritor a *transgredir*, através da experimentação, para que encontre a sua voz singular: “A arte é por natureza um acto transgressor” (p. 45). Esta *transgressão* revela que Oates não desses ensaístas de EC que prometem êxito ou receitas comerciais para cozinhar *best-sellers* — mas antes uma perspicaz conhecedora da multiplicidade de técnicas, e da importância da inovação. São aspectos que Oates não apenas professa, mas também *prática* — ou não fosse ela uma prosadora, poetisa, dramaturga e ensaísta que arrebatou, entre outros, o prestigiado National Book Award. E quem leu gulosamente os romances *Them*, ou *Blackwater*, ou ainda algum dos contos, encontra nestes ensaios um idêntico prazer, pois Oates polvilhou a teoria com situações anedóticas e memórias, sobretudo da infância. Neste espírito, revela, por exemplo, o momento epifânico do seu despertar para a leitura:

Em 1946, no dia em que completei oito anos de idade, a minha avó ofereceu-me uma magnífica cópia ilustrada de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll. De repente, vinda do nada, aquela maravilha apareceu diante de mim, uma rapariga do campo, a morar na casa de uma família que vivia do seu trabalho, em que havia muito poucos livros e muito pouco tempo para os ler. A prenda da minha avó, com a sua bonita capa de tecido enfeitada de criaturas bizarras em relevo e, no meio delas, uma Alice com aquela expressão de perpétuo espanto estampada na cara, revelar-se-ia o grande tesouro da minha infância, bem como a mais profunda influência literária da minha vida. (...) Tal como Alice, com quem me identificava de modo impressionante, também eu caí vertiginosamente pela toca do coelho abaixo e/ou passei aventureiramente através do vidro e mergulhei na sala do espelho para, e isto é uma maneira de dizer, nunca mais regressar inteiramente à vida “real” (pp. 27-28).

Nesta partilha de confidências e de conhecimento, Oates serve-se da sua experiência como autora, docente de EC e, não menos importante, *leitora* atenta. Logo na introdução, encoraja: “Jovens escritores ou escritores principiantes devem ser instigados a ler muito, incessantemente, tanto autores clássicos como contemporâneos, pois

sem esse mergulho na história do ofício de escrever estamos condenados a não passar de amadores (...)” (p. 12). Este último aspecto tocou-me, em particular, pois também defendo que a Escrita Criativa deve ser concomitante à *leitura criativa*, isto é, o estudo de uma obra, para descobrir como um autor conseguiu obter um determinado efeito.

Assim, e para escorar as suas opiniões, a ensaísta convoca uma polifonia de vozes antigas e novas: Lewis Carrol, Emily Dickinson, Edgar Allan Poe, Henry James, Anton Tchékov, Virginia Woolf, etc. Citando passos da obra destes génios literários, ou relatando episódios das suas vidas, Oates permite ao aprendiz compreender que não está só nas dúvidas e ansiedade; no êxito e no fracasso; e no desejo — quase um sacerdócio — de ser um escritor maior. De facto, também os autores maiores já foram aprendizes ansiosos, titubeantes, talvez mesmo descrentes nas suas possibilidades. Até terem aprendido ou descoberto por si as primeiras técnicas que lhes permitiram usar criativamente o poder mágico da palavra.

Numa espécie de profissão de fé, que inspira o título do livro, Oates afirma: “Acredito que desejamos ir para além do meramente finito e efémero; fazer parte de algo misterioso e comum a que damos o nome de *cultura* — e que essa aspiração é tão profunda no ser humano quanto o desejo de reprodução da espécie” (p. 15). Poderá haver propósito mais nobre para um escritor? Lida a obra de Oates, apetece-me dizer *amém* a essa partilha do fruto belo e tangível a que chamamos *imaginação*.

JOÃO DE MANCELOS